

O Jornalismo Guiado por Dados e o papel do âncora na TV¹

Fabiana Rossi da Rocha FREITAS²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as potencialidades, limites e a capacidade de informar da televisão a partir das ferramentas do Jornalismo Guiado por Dados. A partir de análise bibliográfica e citando recursos utilizados pelo SPTV, telejornal local da TV Globo, propomos que o uso de tais instrumentos na apuração de notícias e visualização da informação influi no curso da ação do âncora de TV – ampliando suas função como comunicador, seus recursos de encenação da informação e possivelmente criando novos caminhos de enunciação no jornalismo feito para telas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; telejornalismo; jornalismo guiado por dados; âncora; SPTV

1. Introdução

Da mesma forma que as tecnologias modificam a maneira com que os públicos consomem a informação, também modificam os procedimentos e as técnicas jornalísticas que possibilitam trazer à tona os dados e fatos que ampliam debates e norteiam a opinião pública.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017

² Mestranda do PPGCOM/ UFRGS, email: frrfreitas@gmail.com

Inicialmente, neste artigo, nos guiaremos pela visão de Charaudeau (2016) e Lippmann (2010) sobre o papel da imprensa e da televisão no funcionamento da democracia. Assim, com uma visada definida sobre mediação, colocaremos luz, a seguir, na importância do rigor da apuração das notícias e apresentação dos fatos no telejornalismo com base em Vizeu (2010). Na sequência, a partir de Träsel (2014), combinaremos os conceitos do Jornalismo Guiado por Dados – ilustrando nossa análise a partir dos recursos utilizados pelos apresentadores do SPTV³, telejornal local da TV Globo, durante a exibição das reportagens que receberam o selo da série *Resultado*⁴ – uma iniciativa do jornalismo da emissora para a análise e cruzamento de informações públicas.

Por fim, a partir de Porcello e Ramos (2012), refletiremos sobre a função do âncora de telejornal com base em procedimentos técnicos, propondo, ao final, um olhar voltado à função de explicador do jornalista frente às tecnologias e no atual cenário midiático convergente.

2. Tratamento da Informação

Partindo da ideia defendida por Charaudeau (2016) de que a televisão, enquanto mídia de informação, é um instrumento (entre outros) de funcionamento da democracia, pretendemos, neste artigo, refletir sobre a capacidade de informar da televisão a partir do uso de tecnologias para o tratamento e encenação da informação.

Seguindo o raciocínio do autor e focando nosso olhar na performance do âncora de TV, nosso objetivo é coletar pistas que nos ajudem a melhor compreender como funciona a televisão de informação -- e como pontua o pesquisador francês -- localizar limites e margens de manobra no tratamento da informação. Lançaremos este olhar, portanto, a partir do uso das ferramentas do Jornalismo Guiado por Dados.

³ O telejornal local da TV Globo é exibido de segunda a sábado na Grande São Paulo em duas edições. O SPTV 1ª Edição vai ao ar ao meio dia e é apresentado por César Tralli e o SPTV 2ª Edição é exibido às 19h10, e é apresentado por Carlos Tramontina e, eventualmente, por Isabella Camargo. O telejornal traz prestação de serviços e os fatos mais importantes do dia para os paulistas. Detalhes em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/sptv/ficha-tecnica.htm>. Acesso em 18/08/2016.

⁴ A grafia do selo é “R=sultado”.

Charaudeau (2015) defende que, independentemente do que se pense, a televisão comunica e relata os fatos do mundo, circula informações e explicações e propiciam o debate – criando, assim, um espaço cidadão de discussão. Já no que se refere a sua real capacidade de informar, o autor pondera que é preciso considerar, de antemão, que a televisão informa deformando.

Essa deformação é inevitável. Ela é inevitável em razão de que a informação não depende somente da intenção daquele que a transmite, mas é o resultado de um encontro entre as condições que presidem a sua produção e as que presidem a sua recepção. (CHARAUDEAU 2016, pg. 17)

Do ponto de vista do tratamento da informação no âmbito do jornalismo, Lippmann (2010) nos ajuda a focar a reflexão nas condições de produção. Ainda na década de 20, o autor defendia que existe uma relação direta entre a precisão da notícia e a qualidade da máquina de registro de informações sobre a realidade -- desde não seja afetada por nenhum tipo de censura ou interferência. Por isso, segundo Badia e Clua (2008), Lippmann defendia que os processos comunicativos deveriam adotar tecnologias avançadas para garantir a máxima imediatez e veracidade no tratamento da informação.

Isso está relacionado à diferença que Lippmann faz entre “informação pública” e “notícias”. Por “informação pública” entende-se os dados sobre a realidade a que a população tem livre acesso. Lippmann define “notícia”, ao contrário, o produto da mediação que os meios exercem na hora de dar forma à realidade (BADIA, LUÍS; CLUA, ANNA, 2008, pg. 129)

Recorremos, então, à Franciscato (2005, p.166), que afirma que uma das características singulares do jornalismo é “adotar como pressuposto a existência de uma ideia de verdade do real, que pode ser apreendida nos seus aspectos principais por meio de técnicas jornalísticas e transformando em relato noticioso”. É importante grifar que

autor leva em consideração a dinamicidade dos aparatos tecnológicos e, amparado pelas ideias de Marianne Salcetti, postula que essas mudanças contribuem para a definição das regras de procedimento – que refletem na identidade a partir da “performance que o jornalista executa manejando instrumentos, técnicas e situações” (FRANCISCATO, 2005, p.170).

Com o olhar focado na performance do jornalista, portanto, e levando em consideração a reflexão desenvolvida por Vizeu e Correia (2008) -- que consideram o jornalismo como um lugar de referência perante à realidade social⁵ -- nos aliamos à ideia de que a apuração jornalística e o rigor do método são centrais na função referencial e ajudam a dar legitimidade ao campo (VIZEU; SANTANA, 2010).

A busca por um método mais rigoroso para apurar as notícias era uma das preocupações do repórter e pesquisador Philip Meyer (2002) ao lançar, em 1973, nos Estados Unidos, o livro *Precision Journalism*. Na obra, ele sugere que técnicas usadas em pesquisas na área de ciências sociais, especialmente de estatísticas, sejam incorporadas às rotinas jornalísticas -- entre elas a verificação de registros públicos e a análise de dados por categorias. Tratava-se, portanto, da defesa de um método objetivo, de cunho mais científico, para a checagem de informações.

Para o pesquisador, além de tornar mais precisa a averiguação, a adoção desse tipo de técnica também é uma maneira de garantir mais exatidão à comunicação dos assuntos ao público. O autor acredita que divulgar dados brutos sobre a realidade não é o suficiente, é preciso haver um esforço para traduzir a informação de um jeito que o público entenda.

De acordo com Träsel (2014), embora continue sendo praticado, o Jornalismo de Precisão não perdurou como de referência entre os jornalistas nas redações -- e acabou

⁵ O conceito de “construção social da realidade” foi publicado por Peter Berger e Thomas Luckmann em 1966 e aplicado ao campo do jornalismo pela socióloga Gaye Tuchman. Em relação à atividade jornalística, também compartilhamos da visão de Meditsch (2010), que acredita que o jornalismo participa da produção da realidade, especialmente no âmbito simbólico, em diálogo permanente com os demais atores sociais, porém sem ser protagonista nesta construção.

sendo substituído pelo conceito de Jornalismo Guiado por Dados (JGD), que engloba, numa perspectiva mais contemporânea, a Reportagem Assistida por Computador (RAC), a visualização de dados em infográficos e infoimagens, assim como a criação e manutenção de bases de dados e o acesso a informações públicas na internet.

O JGD tem por objetivo a produção, tratamento e cruzamento de grandes quantidades de dados, de modo a permitir maior eficiência na recuperação das informações, na apuração das reportagens a partir de um conjunto de dados, na distribuição em diferentes plataformas (computadores pessoais, *smartphones*, *tablets*) na geração de visualizações e infografias (TRÄSEL, 2014, p.108).

Dentre os recursos possibilitados pela RAC em reportagens investigativas, Toledo (2011) elenca a busca avançada na internet, os cálculos complexos usando planilhas eletrônicas, a construção de bancos de dados, o mapeamento de informações através de georreferenciamento para criar mapas temáticos, pesquisa de opinião, entre outros.

Esses exemplos nos ajudam a visualizar como as técnicas de RAC são transformadas em imagens ilustrar reportagens com o uso de dados na TV. Para dar vida aos números, o pesquisador também defendia a criação de gráficos e visualizações para apresentar as informações ao público. De acordo com Meyer, as pessoas adoram mapas porque conseguem se encontrar neles. De acordo com o autor, “para serem úteis, para serem entendidos, os dados precisam ser processados, compreendidos, formatados em algum tipo de estrutura. Você precisa botar o material em um enquadramento mental”⁶ (MEYER, 2002, p.7, tradução nossa).

No âmbito do telejornalismo, Vizeu (2012) considera este um esforço de redução da complexidade⁷, conceito que, em nossa opinião, pode ser problematizado durante a análise de reportagens feitas com o uso de banco de dados porque, ao cruzar informações de fontes diferentes e metodologias distintas, o jornalista precisa ter cuidado extra para não alterar a ou distorcer realidades.

⁶ “To be useful, to be understood, data have to be processed, abstracted, fit into some kind of structure. You have to put the material into a mental framework”.

⁷ Vizeu (2012) salienta, entretanto, que não podemos ser ingênuos em acreditar que explicar complexidades seja a preocupação da maioria das empresas jornalísticas que trabalham dentro da lógica moderna, mas que isso não impede que as reportagens dos telejornais possam ter essa preocupação. Junto com o autor, não compartilhamos da perspectiva de que os jornais televisivos só reforçam o *status quo*.

Os jornalistas nas suas práticas diárias no processo de redução da complexidade devem ter como preocupação uma perspectiva crítica. Na produção das notícias, as informações essenciais não podem ser suprimidas. As notícias devem trazer detalhes básicos para que possam ser compreendidas. As várias faces de um acontecimento devem ser apresentadas. Na construção da notícia é preciso estar sempre atento para que aspectos da realidade não sejam ocultados nem silenciados. Os textos têm que buscar uma objetividade possível, tomando-se cuidado em não alterar textos e documentos. (VIZEU, 2012, p.92)

Ao trabalhar com dados em pautas, erros de interpretação podem ser perigosos não apenas para a legitimação da prática do Jornalismo Guiado por Dados, como também para a reputação de governos, pessoas e empresas, por conta de possíveis distorções nos relatos sobre a realidade. Nessa linha de raciocínio, entendemos que a transparência dos métodos da apuração jornalística precisa ser comunicado de alguma forma, seja nos textos enunciados pelo âncora ou repórter, seja através do acesso a outras plataformas midiáticas. Essa atitude apenas ajudaria a aferir credibilidade ao trabalho, mas para dar transparência ao caminho percorrido pelos jornalistas e permitir que as conclusões sejam contestadas por fontes ou pelo próprio público.

3. A didática dos dados na TV

Ao cruzarmos os conceitos do Jornalismo Guiado por Dados com os estudos sobre a TV, encontramos pontos de diálogo em relação à visualização de dados no conceito proposto por Cabral (2012, pg. 165) sobre o que ela entende como Realidade Expandida -- construída durante a edição dos telejornais com o uso de tecnologias digitais, para dar “um sentido mais verossímil e inteligível às notícias”. A conclusão da autora parte da observação das rotinas de produção na TV com foco em recursos de Simulação, Manipulação e Infoimagem criados para ilustrar reportagens de temas variados e que já fazem parte da rotina dos telejornais.

Tanto as imagens criadas quanto as manipuladas foram usadas como estratégias para mostrar os fatos e produzir sentidos nas notícias. O que caracteriza essa produção, além do fato em si, é o processo de

investigação jornalística e a oferta de imagens (de qualquer origem) para a construção da verdade jornalística no processo de edição do telejornalismo no contexto contemporâneo. (CABRAL, 2012, p.165)

A lógica seguida pelo SPTV, telejornal local da TV Globo, parece ser a mesma: qualificar a visualização da informação, interagir com ela – e melhorar a compreensão das notícias produzidas a partir de bancos de dados. É o que podemos perceber na performance do âncora ao apresentar uma série de reportagens que recebeu o selo *Resultado* – uma iniciativa da TV Globo para a análise e cruzamento de dados públicos. O material foi exibido em abril de 2016 na Grande São Paulo.

As figuras 1 e 2, a seguir, mostram o apresentador César Tralli demonstrando para o telespectador, com a ajuda da tela de TV de plasma do estúdio e de um *tablet* conectado à página do G1 na internet, como é possível interagir com os dados apurados pelos jornalistas sobre as mortes violentas ocorridas nos bairros de São Paulo no último ano. O âncora demonstra, ao vivo, como é possível navegar nos mapas interativos criados especialmente para o portal de notícias na internet.



Figura 1



Figura 2

Ao tentar humanizar os dados, tornando-os atraentes e inteligíveis por meio da técnica, é válido lançar um olhar para o papel do âncora nesse processo de mediação através do computador e das ferramentas do Jornalismo Guiado por Dados. Assim, ao trazer para si a função de explicador⁸, o apresentador pode ser avaliado por sua postura didática⁹ nesses novos espaços interativos. Chama a atenção também as marcas

⁸ O “jornalista explicador” aparece em (Kovach; Rosenstiel, 2001).

⁹ Vizeu (2010) denomina de “didática” a função pedagógica dos jornalistas, a partir do conceito de “enunciador pedagógico” de Verón.

discursivas do trabalho jornalístico com base no método de trabalho de verificação, visto que o âncora reitera o compromisso com a seleção da informação, de fiscalização do poder público, o conhecimento das leis e a relação com as fontes de informação.

Segundo Porcello e Ramos (2012, p.212), todos os recursos que indiquem a valorização da mensagem jornalística estão associados à prática da Ancoragem e contribuem para o entendimento do que está sendo divulgado. Assim, a “função de um âncora em um telejornal carrega consigo o peso da responsabilidade de expressar a ideologia que a emissora defende. É o rosto, a voz e a fala do telejornal”. Logo, este sempre foi considerado um lugar de fala, de acordo com os autores, de quem detém o poder.

É possível refletir sobre a linguagem adotada no telejornalismo contemporâneo com base em Piccinin (2016, pg. 297), que observa na TV “uma ascendência de um modelo narrativo orientado pela informalidade de dizeres, pelo protagonismo do narrador e pela oferta de toda visibilidade, inclusive de seus fazeres, tanto quanto possível”. Assim, ao passo que os manuais de redação ainda orientem os procedimentos a partir do ideal positivista de neutralização e como sugere a autora, “pelo aparamento das marcas do narrador”, o que se vê na tela sugere o contrário. Por isso, nos aliamos ao pensamento da pesquisadora, que entende essas manifestações como uma nova performance do jornalista – que fala de si, de seus sentimentos e dos bastidores da produção da matéria. Tais atitudes, planejadas ou não, de acordo com a autora, acabam se constituindo em novas formas de narrar a realidade – marcada por regimes inaugurais de visibilidade.

Citando Soster e o conceito de autoreferência, Piccinin (2016, pg 300) afirma que esse protagonismo acaba “jogando o foco sobre si mesmo e seus jornalistas e conferindo um sentido de “humanidade” ao relato com o objetivo de estabelecer uma relação de cumplicidade com as audiências.

O estúdio de TV, que nesse caso comporta aparatos distintos, também influi na mediação. Ao refletir sobre a transmissão direta no telejornalismo, Fachine (2008) defende que se trata de um espaço de encenação semelhante ao palco do teatro. Assim, no lugar onde se dá a relação entre aquele que vê (espectador) e aquilo que é visto (o que é exibido na tela) é um espaço próprio de transmissão – um espaço que não existe em outra dimensão que não a da própria exibição.

Pode-se dizer, portanto, que o palco e o público estão para a encenação teatral, assim como o enunciado visual (o que se vê na tela) e o espectador em frente à TV estão para a transmissão direta. Essa pode ser considerada, justamente por essa configuração, também por um *mise en scène*, de encenação “viva” ou de performance *em ato* (FACHINE, 2008, p. 141).

Pensar a performance do apresentador com tais aparatos nos ajuda a estabelecer uma relação também com os objetos – ou a tudo que não é humano presente nesse enquadramento televisivo. Recorremos, então, ao conceito de dispositivo de encenação de Charaudeau (2015, p.105), que entende que todo o dispositivo “é um componente do contrato de comunicação sem o qual não há interpretação possível das mensagens”. Em geral, o conceito compreende a um ou vários materiais -- e se constitui como suporte, ou seja, o canal de informação (por exemplo, as diferentes telas), com o auxílio de certa tecnologia. Ao olhar por esse prisma, entendemos que é no material que se informa, toma corpo e se manifesta, de maneira codificada, o que o autor denomina sistema significante.

O dispositivo constitui o ambiente, o quadro, o suporte físico da mensagem, mas não se trata de um simples vetor indiferente ao que veicula, ou de um meio de transportar qualquer mensagem sem que essa se ressinta das características do suporte. Todo dispositivo formata a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir um sentido. Seria uma atitude ingênua pensar que o conteúdo se constrói independente da forma, que mensagem é o que é independente do que lhe serve de suporte (CHARAUDEAU, 2015, p. 104-105).

É importante chamar a atenção para a variedade narrativa que os bancos de dados permitem alcançar, dando ao jornalismo o aval para explorar novas audiências e novos fluxos informativos. Trata-se de um potencial transmídia, fazendo uma estória ser contada de formas diferentes e em formatos complementares.

4. Novos diálogos, novas mediações

Para Jenkins (2009), uma narrativa transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa a partir de

sua própria especificidade, acionando a audiência por meio de diferentes dispositivos. Essa perspectiva nos remete à ideia defendida pelo autor de Cultura da Convergência, em que diferentes mídias colidem e se misturam ao passo das transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a sua própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2009, p.30).

A inovação que surge a partir do uso dos dispositivos, tanto em relação aos novos formatos dos conteúdos, quanto em relação às habilidades técnicas de apuração para sustentar a narrativa, influem tanto no trabalho do apresentador de telejornal como também do público, que pode responder a esses estímulos através de outros canais, como, por exemplo, nos espaços destinados aos comentários sobre as reportagens na página do G1 na internet ou através dos perfis dos jornalistas nas redes sociais.

Isso vai de encontro ao pensamento de Vizeu e Cerqueira (2016), que defendem, com base em Moragas, que uma das questões importantes a observar no telejornalismo é a participação das audiências comunicativas. Ao discorrerem sobre os efeitos para o bem e o para o mal do telejornalismo praticado hoje, os autores também denominam esse fenômeno de audiência participativa, interativa e pública: homens e mulheres que interagem com a televisão, longe de serem agentes passivos.

Charaudeau (2016) sustenta, ainda, que os telespectadores não são tão manipuláveis -- e que o cidadão tem um papel nessa mediação. Essa seria uma forma, segundo o autor, de evitar cair na armadilha dos efeitos produzidos pela dita máquina de informar, como, por exemplo, os efeitos de exagero, de descontextualização que deformam percepções e estimulam polarizações.

Ao considerar que a televisão não tem poder, mas sim participa de um jogo complexo de poder, o linguista francês também chama a atenção para a responsabilidade das mídias no que tange à consciência dos atores que participam de sua maquinaria. Para o pesquisador, o segredo para um melhor tratamento da informação reside, portanto, nas escolhas – seja na seleção da informação e dos dados

veiculados, o uso da imagem para fins de transparência e evocação de lembranças associadas, ou pela simples opção por um roteiro dramatizante capaz de influenciar opiniões.

5. Conclusões

Através da revisão bibliográfica, procuramos, neste artigo, situar a prática do Jornalismo de Dados (JGD) na TV como forma de mediação social – colocando o âncora no papel central deste processo de interação. Acreditamos que, ao incorporar as ferramentas do JGD na rotina jornalística, o apresentador ganha ares de tutor nestes novos espaços de enunciação – dando abertura para um jornalismo mais analítico e interpretativo. Da mesma forma, acreditamos que o rigor da apuração das notícias e no tratamento da informação a partir de ferramentas de visualização de dados podem ajudar a legitimar a importância do jornalismo para as sociedades democráticas.

O uso das técnicas do JGD tem potencial também para incrementar o papel da televisão no fortalecimento da democracia ao ser capaz de operacionalizar debates a partir de grandes volumes de bancos de dados públicos. Sua prática também possibilita o uso de diferentes dispositivos de encenação da informação pelo telejornalismo, dando lugar a conteúdos com potencial transmídia, com camadas de informação que podem ser acessadas em diferentes meios pela audiência. Um cenário de convergência que também estimula a participação cidadã – seja através de comentários, críticas e monitoramentos.

Acreditamos, por fim, que as técnicas de apuração, especialmente da Reportagem Assistida por Computador (RAC) podem ser materializadas no produto final e inspirar o discurso das mídias para atestar a qualidade da investigação jornalística através de seus saberes especializados. É importante observar, entretanto, de que forma a informação pode ser manipulada intencionalmente pelas mídias especialmente do ponto de vista da seleção da informação e enquadramento de determinada realidade mostrada pelas estatísticas oficiais. O uso – ou não – de fontes complementares poderá indicar de que forma os discursos podem ser mais ou menos plurais.

Essa percepção inspira estudos futuros porque a prática do Jornalismo Guiado por Dados na TV parece ir além das mudanças técnicas da apuração e edição com recursos computacionais para criar efeitos de real. Há uma forte influência, a nosso ver, também na formação de sentidos -- principalmente no que tange à autenticação da informação divulgada.

Referências Bibliográficas

BADIA, Luís; CLUA, Anna. Utopias frágeis: imprensa livre e democracia, segundo Walter Lippmann. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa.** V.2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

CABRAL, Águeda. **Realidade Expandida:** narrativas do digital, edição e produção de sentidos no telejornalismo. [Tese de Doutorado]. Recife: UFPE, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **A televisão é capaz de informar.** Revista Matrizes, V.10, p.13-23. São Paulo, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2015.

FECHINE, Yvana. **Televisão e Presença:** uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente:** como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo:** o que os profissionais devem saber e o público deve exigir. Porto: Editora Porto, 2001.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública.** Petrópolis: Vozes, 2010.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia. (Orgs). **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos Críticos.** Florianópolis: Insular, 2010.

MEYER, Philip. The journalism we need. In: MEYER, Philip. *Precision Journalism: a report's introduction to social science methods*. New York: Rowman & Littlefield, 2002.

PICCININ, Fabiana. Das narrativas do real e suas autenticações na hipertelevisão: Notas sobre os programas “O mundo segundo os brasileiros” e “Não conta lá em casa”. In: EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (org.). **Telejornalismo e Poder**. Florianópolis: Insular, 2016.

PORCELLO, Flávio; Ramos, Roberto. Âncora na TV: celebração do discurso de poder. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; Coutinho, Iluska (org.). **O Brasil (é) ditado**. Florianópolis: Insular, 2014.

TRÄSEL, Marcelo R. **Entrevistando Planilhas**: estudo das crenças e do *ethos* de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TOLEDO, José Roberto de. Reportagem Assistida por Computador (RAC) e jornalismo investigativo. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (org.). **Jornalismo Investigativo e Pesquisa científica: fronteiras**. Florianópolis: Insular, 2011.

VIZEU, Alfredo; SANTANA, Adriana. **O lugar de referência e o rigor do método no Jornalismo**. In Texto, V.1, p.38-48, 2010.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. Telejornalismo: efeitos para o bem e para o mal. In: EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (org.). **Telejornalismo e Poder**. Florianópolis: Insular, 2016.

Outras fontes consultadas

TV GLOBO, SPTV 1ª Edição. Edições de 26 a 28 de abril de 2016. Mortes violentas. Disponível em: <
<http://globoplay.globo.com/v/4982709>>,<<http://globoplay.globo.com/v/4985202>>
<<http://globoplay.globo.com/v/4972344>>. Acesso em 20 de agosto de 2016.